

## Monteiro Lobato e a Escola nas décadas de 1930 e 40

Profa. Dra. Raquel Afonso da Silva (ASMEC)<sup>i</sup>

### Resumo:

*O presente texto pretende retomar as relações de Monteiro Lobato (1882-1948) com a instituição escolar, nas décadas de 1930 e 40. Para tanto, abordará a correspondência do autor com seus leitores mirins, além de outros documentos do período, que relatam a circulação e apropriação da obra de Lobato pelo público escolar, bem como a censura sofrida pela obra deste, no período em questão.*

**Palavras-chave:** Monteiro Lobato, escola, leitores infantis, correspondência, censura.

### 1 Introdução

Pretendo, no presente artigo, retomar as relações de Monteiro Lobato com a Instituição Escolar, nas décadas de 1930 e 40, auge de sua produção infantil. Nesse período, o autor travou contato direto com seus leitores, sobretudo por meio de troca de cartas, muitas das quais eram oriundas de escolas (tal correspondência encontra-se resguardada no acervo Raul de Andrada e Silva, do arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB)/USP). A correspondência de Lobato com seus leitores mirins registra, portanto, a circulação dos livros do escritor nos acervos escolares do período, apesar de diversas restrições à ideologia de suas obras.

Frente à recente polêmica em torno da obra de Lobato, que redundou em pedido do CNE para a exclusão de livros do escritor dos acervos escolares destinados a escolas públicas, parece pertinente uma retomada das raízes históricas das relações de Lobato com a instituição escolar, valendo-me, para tanto, principalmente da correspondência dos leitores infantis do autor.

Compreender essa interação de Lobato com a escola nas décadas de 30 e 40 requer, antes, uma breve incursão nas mudanças perpetradas na educação brasileira no período em questão, aspecto abordado a seguir.

### 2 A educação no Brasil na década de 30

A década de 1930 no Brasil foi um período de grandes reformas no setor educacional, as quais foram empreendidas por adeptos da Escola Nova, divulgadores de ideologias pedagógicas que rechaçavam o dogmatismo da educação até então vigente, na qual a criança era o receptáculo de um conhecimento pronto e inquestionável. Os escolanovistas propunham uma forma de ensinar que considerava as experiências da criança, suas necessidades e interesses, tornando-a “agente” de seu próprio aprendizado.

A participação efetiva do aprendiz no processo de ensino-aprendizagem e o dinamismo que cercava este processo, na visão dos “pioneiros”, impunham mudanças significativas no âmbito da leitura escolar: o livro-texto era negado em sua função uniformizadora e autoritária e a leitura de livros literários era incentivada, valorizando-se a “leitura silenciosa” como forma de respeito ao ritmo particular de cada aprendiz<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Cf. VIDAL, 2001, p. 87-116.

O incentivo à leitura pela instituição escolar fomentou a publicação de livros destinados a esse público. Neste período, surgiram coleções destinadas ao consumo escolar como, por exemplo, a coleção *Terramarear*<sup>2</sup> e a *Biblioteca Pedagógica Brasileira*, esta última organizada em 1931 por Fernando de Azevedo, na qual se incluíam, dentre outros, livros infantis de Lobato. Ambas eram publicadas pela Cia. Editora Nacional. Vemos a menção, nas cartas de alguns leitores lobatianos, à leitura de livros de Lobato e/ou de obras traduzidas por ele inclusas nestas coleções:

Dos livros da Terramarear que o snr. traduziu so gostei de Mowgli, Aventuras de Huck e Robin Hood. Os livros de Edgar Rice Burroughs são uns livros cacetes que me dão enfado ler. (IEB/USP. “Fundo Monteiro Lobato”, Arquivo Raul de Andrada e Silva. C1P1C46)<sup>3</sup>.

O senhor quando me responder esta carta pode mandar uma photographia do senhor? Mas não só o busto, todo o corpo e tambem uma lista de todos os seus livros da “Coleção pedagógica Brasileira”. Eu acho que já tenho quasi todos. Agora qual o senhor vai escrever proximo? (IEB/USP. “Fundo Monteiro Lobato”, Arquivo Raul de Andrada e Silva. C1P1C34. Grifos do autor).

Desta forma, é muito provável que o contato de inúmeros leitores com a obra de Monteiro Lobato e com os livros traduzidos por ele esteja relacionado à circulação de coleções direcionadas ao consumo escolar. Em se tratando dos leitores que escreveram ao autor a partir da Escola, esta possibilidade aumenta.

No acervo do IEB, há diversas “cartas escolares” que fazem menção à coleção *Terramarear*. Nas cartas em questão, é relatado que a série de livros havia sido doada por Monteiro Lobato por ocasião de uma visita realizada à instituição, acompanhado por Anísio Teixeira, que desempenhava, então, o cargo de diretor da Instrução Pública do Distrito Federal.

Durante sua gestão à frente da educação pública carioca (1932 a 1935), Anísio Teixeira realizou reformas diversas, dentre as quais algumas se relacionam a práticas de leitura escolar: a organização de bibliotecas, dispostas em vista das necessidades dos pequenos leitores, e a criação dos clubes de leitura<sup>4</sup>.

## **2.1 Monteiro Lobato na escola**

As reformas anteriormente mencionadas marcaram significativamente as práticas de leitura dos alunos, o que depreendemos da leitura de diversas cartas escolares para Lobato. Empenhados na estruturação das bibliotecas de suas escolas ou salas de aula e nas atividades referentes aos clubes de leitura, diversos estudantes escrevem, “*em nome*” de sua escola ou de sua turma escolar, comunicando a inauguração de bibliotecas, que homenageavam Lobato com o nome e patronato, ou de clubes de leitura, também designados pelo nome do escritor.

Porto Alegre, 17 de julho de 1943  
Querido escritor,  
Monteiro Lobato:

<sup>2</sup> Coleção de aventuras publicada pela Editora Nacional a partir de 1931 e destinada a adultos e jovens. Nela eram divulgadas as obras de novelistas como Stevenson, Rudyard Kipling, Jack London, Edgar Rice Burroughs, etc. Dentre os tradutores desta série, estava Monteiro Lobato. (Cf. COELHO, 1985. p. 202).

<sup>3</sup> A numeração final da referência diz respeito à ordem de arquivamento do IEB, correspondendo, respectivamente, ao número da Caixa, número da Pasta e número da Carta. Com o intuito de preservar a identidade dos remetentes, os nomes serão referidos pelas iniciais. É importante ressaltar que a ortografia original das cartas foi mantida nas transcrições.

<sup>4</sup> Cf. VIDAL, 2001, p. 102-107.

Tendo reorganizado a biblioteca Monteiro Lobato no grupo escolar Otavio Rocha, eu, aluna deste grupo escolar, peço que nos faça presente de alguns livros de sua (sua) autoria pois nos dará muito prazer. Eu, em nome de todos os alunos do nosso grupo escolar, agradeço os seus mais lindos livros infantis, que virão enfeitar nossa pequena e humilde biblioteca que ainda será uma das maiores de todos os g. escolares do Rio Grande do Sul.

Peço que o querido amigo das crianças brasileiras venha visitar esta “sua” biblioteca.

Esperamos a sua resposta.

Abraça-o a aluna e amiga

N. N. C. (IEB/USP. “Fundo Monteiro Lobato”, Arquivo Raul de Andrada e Silva. C2P1C24).

Nas cartas, os alunos/leitores referem, por vezes, livros do autor que estão presentes na biblioteca ou clube de leitura da escola e pedem, constantemente, a doação de novos exemplares, bem como de fotografias do autor:

Ilm. Sr. Monteiro Lobato:

Apesar de saber que não me conheceis atrevo-me a vos escrever esta cartinha por saber que com as crianças tendes sempre muita paciência e bondade. Se assim não fosse não teria coragem de vos pedir um favor, que, por sinal é bem grande. Ficaria muito grata se cedesseis ao meu pedido que é também de todos os meus colegas.

Tratarei agora do assunto:

No grupo Escolar “Joaquim Távora”, em Niterói, onde eu estudo, existe uma biblioteca escolar. No momento está sofrendo uma grande remodelação, pois, vai ser ampliada e mesmo mobiliada de acordo com as nossas necessidades e com exigências da orientação moderna.

Excusado é dizer que vossas obras foram todas adquiridas, por nós e com o máximo entusiasmo. Falta-nos porém para completar o nosso desejo uma fotografia vossa. Ela nos trará uma grande satisfação e honra, pois, todos nós aqui vos estimamos e reconhecemos em vós o maior amigo das crianças. Pensamos então em um meio de conseguirmos o que desejamos e resolvemos vos escrever. Peço-vos que mandeis com a maior brevidade possível e tereis causado uma satisfação imensa aos vossos amiguinhos e admiradores do Grupo Escolar “Joaquim Távora” em nome dos quais vos escreve a aluna da 5ª série

K.

Nossa direção é a seguinte:

Grupo Escolar “Joaquim Távora”:

Parque Perfeito Ferráz

Icarai – Niteroi

Estado do Rio (IEB/USP. “Fundo Monteiro Lobato”, Arquivo Raul de Andrada e Silva. C1P3C46)

Lobato procurava atender aos pedidos de seus missivistas, enviando os livros e retratos que lhe eram solicitados, como constatamos pelas cartas de agradecimento presentes no acervo, como a da aluna de Niterói, cuja solicitação se lê acima, e que escreve novamente, desta feita agradecendo o recebimento do retrato e relatando o impacto que teve sobre os alunos:

Grupo Escolar “Joaquim Távora”

Niteroi, 1 de Agosto de 1936

Ilmo. Sr. Monteiro Lobato:

Recebi vossa delicada carta datada de 22 de julho de 1936, acompanhada de um ótimo retrato vosso, que já, hoje, está no quadro para ser colocado na nossa sala de leitura. Certamente não é preciso dizer da nossa alegria pela vossa delicadeza e bondade, satisfazendo ao nosso pedido.

Todos queriam ver o retrato do grande amigo das crianças, a carta, a assinatura, tudo enfim. O interesse entre meus colegas foi tamanho, que, me vi obrigada a ir de classe em classe afim de que pudessem ver tudo muito bem.

Desejava que estivesseis presente para ouvirdes as interjeições; com todas as vogais.

De acordo com uma decisão geral em vez de pregado na parede, o vosso retrato, irá para uma das mesas da nossa Biblioteca. Isto tem por fim fazer-vos lembrado daqueles que frequentarem a biblioteca, como um dos maiores amigos das crianças do Brasil. E, si algum dia vierdes a Niterói, não sendo muito sacrifício, esperamos que nos faça uma visita, afim de que possamos agradecer-vos pessoalmente, com tantos abraços, quanto forem os alunos do Grupo Escolar “Joaquim Távora”

Até lá fica a vossa admiradora obrigada

K. B. A.

Aluna da 5ª série. (IEB/USP. “Fundo Monteiro Lobato”, Arquivo Raul de Andrada e Silva. C1P1C48)

Nesse contexto escolar de escrita das cartas, é provável que se fizesse presente a figura do professor como mediador, respaldando o discurso de aplauso dos alunos à obra lobatiana; há mesmo uma missiva em que a professora manifesta-se por escrito, o que confirma o apoio da instituição escolar a essa correspondência:

Bicas, 24 de maio de 1935

Illmo. Sr. Monteiro Lobato,

É com grande alegria que escrevo esta carta, em nome dos meus colleguinhas do 4º anno A, do grupo escolar “Cel. J. J. de Souza”, de Bicas.

Quero contar-lhe que o nosso grupo de leitura tem o seu nome como Patrono. Tem, por isso: Conhecemos e, temos alguns livros seu, como: *Reinações de Narizinho*, *Novas Reinações de Narizinho*, *Sacy*, *Emília no paiz da Gramatica*, *História do mundo para crianças*, e outros; e, sinceramente, achamos que não há livros melhores dos que os seus. Por isso, entre muitos outros, foi o seu nome escolhido. Esperamos que o senhor não fique zangado conosco. Os meus collegas todos enviam-lhe um abraço e pedem que continue a escrever livros bonitos e bons para nós. De sua humilde e desconhecida amiguinha,

S. A.  
Mineira.

.....

Monteiro Lobato agrada não somente pelos seus interessantes enredos; Não. O seu modo de dizer as cousas é pitoresco, é original, é adorável!...

Permite que eu, professora da classe que lhe escreve, allie a minha sympathia e grande admiração aos sentimentos dos meus jovens alunos.

Invejo-lhe o talento, confesso. Pelo pecado de ‘inveja’, perdoa-me e, como penitencia (penitencia que eu desejo) obrigue-me a ler ao menos uma linha sua, dirigida á

M. A.

Bicas. E. F. L.

Minas.

(IEB/USP. “Fundo Monteiro Lobato”, Arquivo Raul de Andrada e Silva. C1P2C25)

Um dos remetentes que escreve a Lobato relatando uma homenagem feita ao escritor na Semana da Educação em Curitiba (PR), no ano de 1936, ressalta a importância da correspondência com o escritor por meio de uma afirmação feita pela professora da turma:

Somos 41 alunos que estamos escrevendo cada um uma carta endereçada a V. S. A professora via escolher a que parecer melhor e nos promete remete-la a V. S. Portanto não tenho certeza de que esta vá chegar às suas mãos. Mas se tal acontecer, aguardarei com alegria algumas palavras vossas não só para saber se a carta teve a sorte de chegar às vossas mãos, como por crer no que nos diz nossa boa mestra: “A resposta dele, ainda mesmo que seja uma simples palavra, é o mais lindo prêmio a que se possa aspirar.”

Sem mais subscrevo-me como sendo um pequeno amigo e vosso admirador  
E. B. M.

13 anos

Grupo Escolar “Tiradentes” –

Curitiba. (IEB/USP. “Fundo Monteiro Lobato”, Arquivo Raul de Andrada e Silva. C1P1C52).

A correspondência e as visitas de Lobato a escolas reforçavam o elo entre a literatura infantil do autor e a instituição, importante consumidora de livros infantis, fato a que Lobato era sensível, desde o início de seus empreendimentos editoriais na “Monteiro Lobato & Cia” (criada em 1920 em sociedade com Octalles Marcondes), quando lança seu primeiro livro destinado ao uso escolar – *Narizinho Arrebitado* (1921).

Exitem, no acervo do IEB, 15 cartas que tratam de visita do autor a uma escola do Rio de Janeiro – “1ª Escola Experimental Bárbara Otoni” – em agosto de 1934. Entre os aspectos comuns mencionados nessas cartas estão os agradecimentos pelos livros recebidos e a promessa de um novo paradidático, tratando de Aritmética:

Rio, 31 de agosto de 1934

Prezado senhor Monteiro Lobato

Não pode calcular a nossa alegria quando o senhor nos veio visitar!

Depois de sua saída não falamos em outra coisa. Demos a nossa professora as nossas impressões sobre o senhor e Dr. Anísio.

Venho pois por meio desta agradecer-lhe a visita que nos fez.

Já recebemos a coleção de livros Terramarear que muito nos agradou. Esperamos que nos visite novamente o mais breve possível.

Um abraço amigo do seu admirador, aluno da 1ª Escola Experimental.

G.

(IEB/USP. “Fundo Monteiro Lobato”, Arquivo Raul de Andrada e Silva. C1P1C19).

*Rio, 29 de agosto de 1934*

Presado Sr. Monteiro Lobato

Eu, como todos os colegas da classe, tive a melhor impressão, quando nos honrou com a sua visita, pelo que deixo meus sinceros agradecimentos, pois além de termos recebido uma pessoa amável e bondosa, tivemos o prazer de receber a visita de um grande literato.

Sou assidua leitora de todos os seus livros de historias que acho interessantes e agradaveis. **Não se esqueça do que nos prometeu, o livro: Quindim no paiz da Matematica.**

Receba um abraço amigo de sua admiradora.

L. M. (IEB/USP. “Fundo Monteiro Lobato”, Arquivo Raul de Andrada e Silva. C1P1C15. grifo meu).

Lobato cumpre sua promessa e, em 1935, publica *Aritmética da Emília*. Houve, como é perceptível, uma mudança no título inicial proposto pelo escritor e, novamente, Emília sobressai-se entre as demais personagens, assim como sucedera em *Emília no País da Gramática*. Talvez tal mudança tenha sido sugerida pelos próprios leitores, animados com as peraltices feitas pela boneca no *País da Gramática*. Lobato menciona, em uma carta a Anísio Teixeira, um episódio significativo que sustenta essa hipótese, além de sublinhar o entusiasmo dos leitores pela obra paradigmática do autor:

A minha Emília está realmente um sucesso entre as crianças e os professores. Basta dizer que tirei uma edição inicial de 20.000 e o Octales está com medo que não agüente o resto do ano. Só aí no Rio, 4.000 vendidas num mês. Mas a crítica de fato não percebeu a significação da obra. Vale como significação de que há caminhos novos para o ensino de matérias abstratas. **Numa escola que visitei a criança me rodeou com grandes festas e me pediram “Faça a Emília do país da Aritmética”**. Esse pedido espontâneo, esse grito d’alma da criança não está indicando um caminho? (...) (NUNES (org.), 1986, p. 96. grifo meu).

E não faltavam convites ao escritor para que este visitasse escolas, principalmente na década de 30, quando empenhado na campanha pelo petróleo, fazia viagens a diversas cidades:

Belo-Horizonte, 24 de Agosto de 1937

Ilmo. Snr. Monteiro Lobato

Saudações

Sabendo da permanencia de V. Sa. nesta Capital, venho por meio desta, canvidal-o a fazer uma visita ao nosso grupo “Cesario Alvim”.

Assim, teremos o prazer de conhecê-lo pessoalmente.

Queremos fazê-lo ciente que o nosso “Club de leitura” tem o nome de V. Sa.

Se formos atendidos nesse convite, ficaremos muito gratos.

Pelos alunos do grupo “Cesario Alvim”

Do seu admirador

J. M. M. (IEB/USP. “Fundo Monteiro Lobato”, Arquivo Raul de Andrada e Silva. C2P1C3).

Aliás, assim como a questão do petróleo foi mote de uma obra infantil lobatiana (*O Poço do Visconde*, 1937), também nas palestras escolares o assunto era abordado, como nos relata a carta de um leitor:

Ilmo. Snr. Dr. Monteiro Lobato

Cumprimento-o, desejando que esteja gozando saúde e felicidade.

A nossa diretora, D. Afonsina Brandão, leu para nós a sua carta e nos mostrou o retrato e o livro que o snr. nos mandou.

Em meu nome e dos meus colegas, envio-lhe agradecimentos por esta gentileza.

(...)

Temos muitas saudades do dia em que tivemos oportunidade de conhecer o grande escritor das crianças. Depois de sua visita a este estabelecimento de ensino, cada vez mais me empolguei pelos seus livros.

Pedi a Papai que me comprasse o livro “Caçadas de Pedrinho”.

Aproveito para dizer que **gostamos muito também de sua lição sobre o petróleo.**

Da sua admiradora

M. N. C. J.

Aluna do 4º ano, do Grupo Pedro II. (IEB/USP. “Fundo Monteiro Lobato”, Arquivo Raul de Andrada e Silva. C2P2C27. grifo meu).

### 3 A censura à obra lobatiana

Mas não era de todo harmoniosa a relação entre Lobato e a Escola. O Estado era vigilante quanto às idéias apregoadas nos livros infantis, vigilância que se exacerbou a partir de 1937, quando o rigor do Estado Novo no combate a ideologias “subversivas” dirigiu, em momentos, a ofensiva contra o livro. Em 1939, por exemplo, o secretário geral da Educação, José Pio Borges de Castro, realizou “o expurgo de 6.000 volumes das bibliotecas escolares (*‘pejadas de livros inconvenientes’*), e propôs um concurso de livros infantis visando a *‘exaltação das qualidades distintivas das almas nobres e corajosas, probas e patrióticas...’*” (Apud. VIDAL, 2001. “Relatório da Secretaria Geral de Educação e Cultura.”, 1941, p.6).

As obras de Lobato sofreram a ação censora do Estado por pregar ideologias avessas ao convencionalismo e às verdades impostas pelo governo e pela Igreja. O livro *Geografia de Dona Benta* (1935), por exemplo, foi apontado como obra “*separatista*” e antinacionalista em virtude de trechos como estes abaixo transcritos<sup>5</sup>:

- Estou também vendo dois trens em marcha, um que vem do Rio e outro que vem de São Paulo...”

- Então feche os olhos antes que se choquem. Essa estrada diverte-se todos os dias em brincar de desastre de trens. É federal... (CAVALHEIRO, 1963, v. 2, p.164.)

São Paulo é um pequeno País, capaz de viver por si mesmo, bastando-se a si próprio em tudo. Mato Grosso, que fica lá atrás, não passa de uma dependência de São Paulo, espécie de fundo de quintal. (CAVALHEIRO, 1963, v. 2, p.164.)

É interessante ressaltar que o livro em questão foi gestado em um período em que Lobato estava farto das problemáticas relativas ao petróleo, em virtude dos empecilhos impostos pelo próprio Estado, e preparando-se para a publicação de *O Escândalo do Petróleo* (1936). Isso talvez explique em parte as críticas políticas presentes na obra infantil.

Lobato, em resposta aos ataques a sua obra, critica o falso patriotismo incutido nas crianças por meio de “fantasiadas verdades”:

O articulista do “Diário da Noite” acha tremendamente insultante para o Brasil que a velhinha conte aos netos o que essa estrada realmente é. Mas haverá quem no Brasil ignore que a Central ocupa o primeiro lugar entre todas as estradas do mundo em matéria de desastres? Que chegou à maravilha de num mês de não sei que ano conseguir o recorde de 32 desastres em 30 dias? Que a rubrica “desastre da Central” se tornou permanente nos jornais?(...) Dona Benta, pois, disse aos seus

<sup>5</sup> É interessante apontar que estes trechos foram suprimidos em edições da obra *Geografia de Dona Benta* posteriores à organização das *Obras Completas*. Contudo, seria necessária uma pesquisa mais aprofundada para precisar a partir de qual edição se dá esta alteração.

netos a verdade pura, e uma verdade de conhecimento do mundo inteiro.(...) Não há nenhum insulto ao Brasil no fato de uma vovó contar aos netos o que é a verdade e todos os adultos sabem. Insulto ao Brasil é a Central, e todos os outros serviços públicos federais serem o que são. Não será mentindo às crianças que consertaremos as coisas tortas.” (LOBATO, 1964, p. 240).

Outros documentos demonstram a repercussão destas acusações na imprensa, como a carta de Rubem Braga a Lobato, transcrita a seguir:

Rio de Janeiro, 16-março-36  
Monteiro Lobato –

Escrevi uma carta e você não respondeu. Então vai outra. Na primeira carta eu punha o Jornal da Manhã à sua disposição para qualquer coisa referente a petróleo – ou mesmo não referente a petróleo. Pedia também alguma colaboração. Agora acontece que o Diário da Noite aqui do Rio tem feito uma campanha danada contra você por causa de seu livro “Geografia de Tia Benta” (sic). Acusa o seu livro de anti-brasileiro, de separatista. Não li o livro, nem sei se você é separatista mesmo ou não. Creio que não, mas isso não me interessa. O que há é que essa campanha do Diário da Noite atrapalha indiretamente a campanha do petróleo. Tende a mostrar que o campeão de uma grande campanha nacionalista não é nacionalista. Convém, portanto, que você diga alguma coisa a respeito. Peço que me mande uma entrevista sobre o livro e o sentido dele. E se tiver mais alguma coisa para nosso jornal, tanto melhor.

(...)

Muito grato, o velho admirador—

Rubem Braga. (“Fundo Monteiro Lobato”, CEDAE/IEL – Unicamp. Referência: MLb 3.2.00381cx8. grifos do autor.).

A carta demonstra o receio de Rubem Braga de que as acusações de “separatista”, “anti-nacionalista”, tivessem conseqüências negativas para a “Campanha do Petróleo”. De fato, a questão do petróleo mobilizava ânimos pró e contra o empreendimento de Lobato e, em 1937, quando é lançado *O Poço do Visconde*, novamente o escritor vê-se vítima da censura:

Nessa obra, “o maior dos geólogos brasileiros”, o Visconde de Sabugosa, faz profecias tremendas. Afirma que no Brasil há petróleo e indica com precisão os lugares onde é fácil tirá-lo. Nessa época – 1937 – pela boca dos técnicos oficiais, o Brasil não tinha nem poderia ter petróleo. As afirmativas do Visconde não passavam de heresia. Ao fogo, portanto, com o herege. (CAVALHEIRO, 1963, v. 2, p.166).

Também foi condenado “às chamas”, por suas ideologias heréticas e subversivas, o livro *História do Mundo para Crianças* (1933). Alguns periódicos católicos do período passaram a publicar anúncios como o seguinte: “*Cuidado! Tornamos a avisar a todos que o livro “História do Mundo para crianças” é péssimo e não pode ser lido por ninguém (...)*” (“O sino de São José”, Belo Horizonte, 04/02/1934. Apud CAVALHEIRO, 1963, v. 2, p. 167).<sup>6</sup>

A Secretaria da Educação e Saúde Pública do Estado de São Paulo, em parecer oficial, condena o livro, apontando trechos em que são feitas observações negativas a ações governamentais, como, por exemplo, quando é mencionada a invenção do aeroplano por Santos

<sup>6</sup> “O Sino de São José” era um periódico de publicação semanal da Freguesia de S. José, em Belo Horizonte.



Dumont. Lobato, pela voz de D. Benta, afirma que o inventor, assombrado pelo fim destrutivo que foi dado a sua máquina, suicidou-se, atitude que a avó diz ter sido apressada quando Dumont viu “sua máquina de voar planando sobre as cidades paulistas na revolução de 1932 e lançando bombas sobre os habitantes.” (CAVALHEIRO, 1963, v.2, p. 165).

Além disso, os censores acusavam a obra de agir contra os princípios da “*formação cristã da família brasileira*”. Cavalheiro menciona alguns trechos do parecer oficial, acima referido, que tangem a questão:

Quaisquer ironias sobre os princípios religiosos, quaisquer conceitos mais ou menos avançados sobre o Deus de nossa fé, reputa-se falta grave contra todo o trabalho educacional. É natural, portanto, que se condenem trechos como estes: “Tudo quanto Cristo pregou, Marco Aurélio praticou, embora não fosse cristão. Nenhum dos imperadores cristãos que vieram mais tarde praticou as doutrinas de Cristo como este pagão que perseguia os cristãos.” (CAVALHEIRO, 1963, v. 2, p.165).

Há que se mencionar ainda os boletins censores da “Liga Universitária Católica Feminina” que, na década de 30, faz uma leitura das obras de Lobato procurando dar destaque aos aspectos considerados perniciosos à formação dos leitores do período. Condena a crítica política que Lobato faz em *Caçadas de Pedrinho*; aponta graves deslizes morais em *Emília no País da Gramática*, quando a boneca afirma ter se casado e divorciado, acrescentando: “Felizmente não tive filhos”; em *Fábulas*, praticamente todas as lições morais, reinterpretadas por Lobato, são criticadas pela Liga, como “Para os maus, pau” e “Faze o bem, mas olha a quem”; condenam também a leitura darwiniana de Pedrinho em *Histórias de Tia Nastácia*, e as falas de Emília direcionadas a Tia Nastácia, chamando-a “negra beijuda”, já incomodavam na época; em *História do Mundo para Crianças*, há o absurdo de se adotar a teoria evolucionista para explicar o surgimento do homem<sup>7</sup>.

Foram estes aspectos ideológicos, subversivos para a época, que levaram à interdição, em escolas oficiais e em colégios católicos, de livros de Lobato, os quais foram retirados de algumas bibliotecas escolares. Cavalheiro (1963, v. 2, p. 167) refere-se, inclusive, a um ato extremo praticado no Colégio Sacré Coeur de Jesus, em Laranjeiras (RJ), no ano de 1942: as alunas, requisitadas a levar ao colégio os livros de Lobato que possuíam, viram-nos serem queimados no estabelecimento escolar.

Houve, além disso, ações mais amplas que visavam restringir por completo a circulação da obra do autor. Em 28 de junho de 1941, imediatamente após a soltura de Lobato, ofício do TSN pede à polícia do Estado de São Paulo a apreensão de exemplares de *Peter Pan* à venda no estado. O livro teria “conteúdo subversivo” que geraria um “sentimento errôneo quanto ao governo do país”, colidindo com os princípios do Estado Novo de formar uma juventude “*saudável e patriótica, unida em torno dos princípios da tradição cristã*.” (AZEVEDO et al., 1997, p. 307).

Não obstante às proibições que vedavam a leitura dos livros de Lobato nas instituições escolares, o autor recebeu inúmeras cartas de leitores infantis advindas de Escolas, mesmo após o ano de 1937, quando, em virtude do Estado Novo, a censura aos livros ditos “subversivos” foi acirrada. Das 64 cartas escolares que identificamos no acervo, 34 são de 1937 e anos subsequentes. Lobato era proibido, porém, era lido e, no caso dos leitores que escreveram ao autor a partir da Escola, a leitura dava-se com o aval desta, visto que a decisão de escrever ao escritor contava com o incentivo da instituição.

A maior parte dessas cartas é oriunda de Grupos Escolares, instituições de ensino dirigidas e subvencionadas pelo estado ou município, que foram criadas no início da república, quando as

<sup>7</sup> Cf. CAVALHEIRO, 1963, v. 2, p. 167-169.

transformações sociais urdidas no período criaram uma grande demanda educacional<sup>8</sup>. Ressalte-se que as cartas provêm, em sua maioria, da região sudeste, havendo prevalência do estado de Minas Gerais. Se, por um lado, tais grupos estavam mais diretamente sob a intervenção estatal, por outro, sofriam em menor grau a intervenção da Igreja que, ao final da década de 20, detinha o controle de cerca de 70% das instituições de ensino privadas em funcionamento no Brasil<sup>9</sup>.

## **Conclusão**

Mesmo que sob o risco de incorrer em comparação anacrônica, não posso me furtar de aproximar a censura contra a obra lobatiana em 30 e 40 do parecer do CNE (Conselho Nacional de Educação), propondo a retirada das escolas públicas brasileiras das obras de Monteiro Lobato, sob alegação de incitarem o racismo entre as crianças. Nas décadas de 30 e 40, a ação censora esteve à caça de elementos que desaconselhassem a obra lobatiana do ponto de vista da moral cristã e das ideologias políticas de então; quase todos os livros são pegos pelo pente fino da censura e, claro, a personagem mais apontada em tais pareceres é, justamente, a predileta das crianças (e também do próprio Lobato) – Emília – acusada de blasfemar, dizer impropérios, absurdos e “inverdades”. No campo da censura atual, encoberta pelo epíteto do “politicamente correto”, a boneca é novamente alvo, principalmente no tratamento que dirige à Tia Nastácia.

Pelo que as cartas documentam, as tentativas de censura à obra de Lobato nos idos de 30 e 40 não foram tão bem sucedidas; o autor continuava circulando, mesmo em escolas públicas do país. O que esperar como resultado dessa nova tentativa de censurar as obras lobatianas? Até o momento, parece ter resultado, sobretudo, em discussões acaloradas em torno da obra do autor, cujo caráter polêmico continua a ser um dos grandes trunfos deste.

## **Referências Bibliográficas**

- AZEVEDO, Carmem Lúcia de; CAMARGOS, Márcio; SACCHETTA, Vladimir. *Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia*. São Paulo: SENAC, 1997.
- CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato, vida e obra*. 2v. São Paulo: Brasiliense, 1963.
- VIDAL, Diana Gonçalves. “Práticas de leitura na escola brasileira dos anos 1920 e 1930.” In: FARIA, Luciano Mendes. (org.) *Modos de ler, Formas de Escrever: estudos de História da Leitura e da Escrita no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- COELHO, Nelly Novaes. *Panorama Histórico da Literatura Infantil/Juvenil*. São Paulo: Edições Quíron, 1985.
- CUNHA, Marcos Vinícius. *A Escola Contra a Família*. In: LOPES, Eliane Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (orgs.) *500 anos da Educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- LOBATO, Monteiro. *Prefácios e Entrevistas*. São Paulo: Brasiliense, 1964.
- NUNES, Cassiano.(org.) *Monteiro Lobato Vivo*. Rio de Janeiro: MPM Propaganda/Record, 1986.
- NUNES, Clarice. *(Des)encantos da Modernidade Pedagógica*. In: LOPES, Eliane Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (orgs.) *500 anos da Educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

---

<sup>i</sup> Raquel AFONSO DA SILVA, Doutora em Teoria e História Literária pela Unicamp.  
Docente no curso de Letras das Faculdades Integradas Asmec (ASMEC), Ouro Fino, MG.  
Email: afonso.raquel@gmail.com

---

<sup>8</sup> Cf. CUNHA, 2000.

<sup>9</sup> Cf. NUNES, 2000.